

Mercado S/A



AMAURI SEGALLA
amaurisegalla@diariosassociados.com.br

Paridade de custos entre os veículos tradicionais e elétricos dificilmente será alcançada em 2025

Associação de franchising lança banco de dados inédito

A Associação Brasileira de Franchising (ABF) lançou uma iniciativa inédita: a criação de um banco de dados com foco na área imobiliária, começando pelas condições de locação em shopping centers. O primeiro balanço realizado em abril trouxe dados inéditos. Segundo o estudo, os contratos de locação de franquias em shoppings têm prazo médio de 54 meses (32 no caso de quiosques) e o IGPM como índice de correção predominante (99%). Além disso, 75% dos shoppings cadastrados cobram luvas.

Demanda do consumidor por crédito recua em abril

O aumento dos juros e a inflação descontrolada começam a afetar o crédito. Segundo dados da Boa Vista, a demanda do consumidor por empréstimos recuou 4,3% entre março e abril após ter avançado no mês anterior. A expectativa da Boa Vista é que a procura por crédito continue desacelerando nos próximos meses, embora deva encerrar o ano em alta. O crédito é um recurso indispensável para custear itens básicos e fechar as contas no fim do mês, especialmente na baixa renda.



Falta de peças e infraestrutura precária ameaçam indústria de carros elétricos

A falta de chips e a alta sem freio dos preços das matérias-primas deverá afetar a produção de carros elétricos nos próximos meses — talvez, anos. Embora a demanda por esses veículos esteja em alta, é provável que os problemas nas cadeias de abastecimento atrasem o lançamento dos modelos movidos a bateria. Em evento recente, Luca de Meo, presidente-executivo da Renault, disse que “o jogo mudou com a crise nas redes de suprimentos” e alerta que a paridade de custos entre os veículos tradicionais e elétricos dificilmente será alcançada em 2025, como a empresa havia planejado. Elon Musk (foto), o sempre otimista dono da Tesla, afirmou que a meta de produzir 20 milhões de carros elétricos por ano até o fim da década talvez não seja cumprida. “Podemos tropeçar e não alcançar esse objetivo”, afirmou o bilionário. Na verdade, falta muito para o mercado deslançar, inclusive infraestrutura para a recarga dos automóveis.

RAPIDINHAS

» A Singuê, consultoria que desenvolve programas de diversidade, equidade e inclusão e que é formada apenas por pessoas negras, mantém produtivas parcerias com empresas como iFood, Natura, Netflix e Nubank. Há alguns dias, o Nubank e a Singuê lançaram o Instituto Nu, que tem como foco combater a desigualdade social por meio da educação.

» A consultoria foi responsável pelo conceito e estratégia do instituto. “As mudanças e demandas relativas a pautas identitárias no Brasil se tornaram gigantes e urgentes”, afirma Talita Matos, que fundou a Singuê ao lado de Eliezer Leal. “Nosso trabalho é propor soluções efetivas para essas questões.”

» A rede social brasileira Umatch, que reúne estudantes do ensino superior, avança em ritmo veloz. Criada há apenas dois anos, ela já conta com 100 mil usuários de 960 instituições cadastradas na plataforma. Seu potencial é inquestionável. Segundo dados oficiais, o Brasil tem aproximadamente 8,4 milhões de universitários.

» A Americanas perdeu R\$ 923 milhões após sofrer ataques de hackers em fevereiro, conforme dados revelados em seu balanço. Os crimes cibernéticos são uma ameaça real para as empresas. Em 2021, segundo a companhia de cibersegurança Fortinet, houve 88,5 bilhões de tentativas de ataques cibernéticos no mundo, um aumento de 950% sobre 2020.



Não vejo o momento como sendo favorável. O ideal seria cuidar mais das questões conjunturais, ajudar o Banco Central no que for possível para diminuir a pressão inflacionária e assegurar o mínimo de crescimento para a economia neste ano”

Gustavo Loyola, ex-presidente do Banco Central, sobre a pressão do governo para aprovar uma versão enxuta da reforma tributária

Reprodução



“A hora de ficar rico está chegando”

O tombo do bitcoin, que atingiu o seu menor patamar desde 2020, deve ser motivo de desânimo para investidores, certo? Nem tanto. Para o empresário e escritor americano Robert Kiyosaki, autor do best-seller *Pai Rico, Pai Pobre*, a queda representa uma oportunidade de ouro. “É por isso que vou encher o caminhão de bitcoin quando a cripto estiver no fundo do poço”, escreveu no Twitter. “Crashes são os melhores momentos para ganhar dinheiro e a hora de ficar rico está chegando.”

60%

foi quanto cresceram, em 2021 na comparação com 2020, as compras de brasileiros em sites hospedados fora do país, segundo pesquisa da Nielsen. A explosão de produtos importados ameaça as varejistas nacionais

INDÚSTRIA

Frota de veículos envelhece

Segundo pesquisa, vendas ficaram estagnadas pela alta de preços e pelo crédito escasso. Pandemia acelerou processo

No momento em que o mundo busca formas de reduzir a emissão de poluentes no segmento de transportes e muitos países oferecem incentivos para o consumidor comprar um carro elétrico, a frota brasileira de automóveis está ainda mais velha. Composta basicamente por modelos a combustão, ela polui mais, causa mais acidentes e engarrafamentos.

Esse envelhecimento foi acelerado nos últimos dois anos de pandemia, que dificultou o acesso ao carro zero, seja pelos preços mais elevados, seja escassez de componentes para a

produção. Hoje, 23,5% dos automóveis que circulam no país têm até cinco anos de uso, os chamados seminovos. Há 10 anos, essa fatia era de 43,1%.

Os mais “velhinhos”, acima de 16 anos de uso, passaram de 18,8% da frota para 19,4%. Os intermediários (de seis a 15 anos) eram 38,1%, em 2012, e hoje são 57,1%. Os dados são de estudo anual feito há mais de duas décadas pelo Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para Veículos Automotores (Sindipeças).

Em 2012, um veículo, de forma geral, poluía cerca de 50% mais do que um similar atual. Em termos de consumo, o atual é 22% mais

eficiente, segundo Raquel Mizoe, diretora de Emissões de Veículos Leves da Associação Brasileira de Engenharia Automotiva (AEA).

Os resultados da pesquisa mostram que, em 2021, a frota do país era formada por 38,2 milhões de automóveis, com idade média de 10 anos e cinco meses, a mais velha em 26 anos. Somando comerciais leves, caminhões e ônibus, a frota chega a 46,6 milhões de veículos com idade média de 10,3 anos, também a mais alta desde 1994.

“Desde 2013, a frota brasileira vem envelhecendo porque não estamos conseguindo uma renovação com carros novos que compense a obsolescência existente”,

afirma George Rugitsky, diretor de Economia do Sindipeças.

Ele resalta que a pandemia levou a um sucateamento ainda maior da frota nacional, situação que, em dimensões diferentes, também ocorre globalmente.

Segundo ele, “no caso do Brasil, essa desorganização mundial da cadeia de abastecimento vem alinhada ao que ocorre na economia local”. Rugitsky defende programas de inspeção veicular e de renovação da frota para uma modernização mais rápida. Do contrário, avalia, as expectativas para este ano e o próximo são de continuidade do sucateamento.

O cálculo do Sindipeças desconta a taxa de mortalidade (carros com perda total ou desmanchados), o que diferencia seus números daqueles divulgados pelo Denatran, que considera todos os veículos registrados, independentemente de estarem ou não circulando. O objetivo do estudo é avaliar o potencial de mercado para fabricantes de peças de reposição.

Números

O rescaldo da pandemia, agora mais focado na falta de semicondutores para a produção, somado aos preços e juros elevados e ao crédito escasso resultaram

também na estagnação do tamanho da frota brasileira de veículos. No caso dos automóveis, o crescimento em 2021 foi de 0,2% em relação ao ano anterior — que já tinha apresentado alta de apenas 0,5% ante 2019.

Na frota geral, o crescimento foi de 0,7%, puxado pelos comerciais leves e caminhões, com altas respectivas de 3,5% e 2,9%.

Já o segmento de motocicletas ficou estagnado em 12,8 milhões de unidades, com idade média de 8,5 anos, a mais antiga desde 1990.

Há 10 anos, por exemplo, a média era de 5,5 anos. Este ano, as vendas de motos estão próximas das de automóveis.

SOCIAL

Caixa amplia estudos de microcrédito

» FERNANDA STRICKLAND

A Caixa Econômica Federal continua se aprofundando nos estudos sobre operações de microcrédito. Na última semana, o presidente da Caixa, Pedro Guimarães, e uma equipe do banco terminaram mais uma troca de experiências em uma visita a Bogotá, capital da Colômbia. Guimarães e funcionários de diferentes áreas da instituição financeira já passaram por Bangladesh, Quênia, México e Peru a fim de observar a concessão do microcrédito.

O programa de microcrédito é voltado para empreendedores individuais, tanto pessoa física quanto microempreendedor individual (MEI). No início

de março, Pedro Guimarães esteve em viagem oficial a Bangladesh e ao Quênia para conhecer essa modalidade naqueles países. As equipes da Caixa também conheceram como o sistema funciona no Peru e no México. Esses estudos contribuíram para que o banco brasileiro desenvolvesse um modelo nacional, que abre oportunidade, especialmente, aos microempreendedores individuais (MEI), que podem obter até R\$ 3 mil, inclusive, estando negativados, com juros de 1,99%, parcelados em até 24 vezes. Pessoas físicas têm acesso a financiamento de até R\$ 1 mil, com juros a partir de 1,95% ao mês e até 24 meses para pagar.

As próximas visitas serão em Ruanda, Tanzânia, Índia e

Indonésia. “Já chegamos próximo a dois milhões de clientes em microcrédito, e continuamos como a única instituição financeira que faz o Microcrédito SIM Digital, com garantia do Fundo Garantidor de Microfinanças da Caixa (FGM)”, afirmou Pedro Guimarães.

Lançado no fim de março, o Programa de Simplificação do Microcrédito Digital para Empreendedores - Sim Digital já realizou mais de 1,7 milhão de operações de microcrédito até o momento, das quais 80% foram realizadas por pessoas físicas ou jurídicas com o “nome sujo”, ou seja, negativados nos órgãos de proteção ao crédito.

Em outra frente, a Caixa Econômica amplia a atuação no

agronegócio. Pelo menos duas linhas de crédito estão sendo mobilizadas. O Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor (Pronamp) e o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) poderão oferecer até R\$ 430 mil e R\$ 400 mil, para financiamento de investimentos por ano agrícola, respectivamente; e R\$ 1,7 milhão e R\$ 250 mil para custeio dessas produções.

O banco conta, ainda, com R\$ 35 bilhões do Plano Safra, a cargo do governo federal. Com isso, seriam quase R\$ 77 bilhões para investimentos em pequenas e médias produções agrícolas na primeira geração de aplicações em agronegócio do banco até 2023.

Caixa/Divulgação



Presidente Pedro Guimarães (D) e equipe, em viagem a Bogotá, Colômbia